"SENHOR DEUS, VAIS ANIQUILAR O RESTO DE ISRAEL?" (Ez 11,13)

O resto de Israel como chave de leitura em Ezequiel

Ludovico Garmus

Ezequiel é o primeiro profeta de Israel a atuar fora da terra prometida. Embora no passado tenha sido proposta uma dupla atividade de Ezequiel, primeiro em Jerusalém e mais tarde na Babilônia, hoje se aceita de modo geral que ele tenha agido apenas na Babilônia, entre os exilados junto ao "rio Cobar", um canal do rio Eufrates (Ez 1,1). Ele fazia parte da primeira leva de exilados que acompanharam o rei Joaquin ou Jeconias e as lideranças, em 597 aC (2Rs 24,10-17).

O exílio de uma parte da população era um fato inédito para Judá, mas já acontecido com o reino irmão de Israel, em 733 e 722 aC. Babilônia parece ter seguido a praxe do império assírio, que impunha um exílio parcial e a presença de tropas para forçar a sujeição das nações vizinhas. O país assim entrava no segundo estágio de dominação. Havendo novos sinais de revolta e a negação do tributo, vinha a terceira fase de dominação, incluindo a destruição da capital, o fim da independência política da nação e novas levas de exilados[1].

Ezequiel exerce sua vocação em duas etapas. A primeira coincide com o segundo estágio de dominação babilônica, entre 597 e 587 aC, e a segunda após a destruição de Jerusalém, até 571 aC. De fato, o profeta põe sua vocação no quinto ano do exílio do rei Joaquin, em 593 aC. Nesta fase ele rompe com aqueles conterrâneos seus que ainda sonhavam com o fim próximo do exílio e o retorno a Jerusalém (cf. Jr 28,1-4). Buscam até o apoio de Ezequiel para a revolta do rei Sedecias, que se rebelou contra Babilônia em Judá, em 591 (cf. Ez 1,1-3; 20,1-3). Neste tempo há, portanto, dois reis de Judá. Na Babilônia estava Joaquin ou Jeconias, e em Jerusalém Matanias, tio de Joaquin, nomeado por Nabucodonosor e que recebeu o nome de Sedecias (2Rs 24,17-20). Nesta primeira etapa de sua missão (Ez 4–24), Ezequiel é o profeta do juízo de Deus sobre Jerusalém e sobre a nação de Judá. Contestando a crença na inviolabilidade de Jerusalém, Ezequiel, nesta primeira etapa, repete sempre de novo a mesma tese: Jerusalém será destruída, Jerusalém deverá ser destruída. Isso fica bem claro, desde o início, com as ações simbólicas (cf. Ez 4–5).

1. Veja DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol 2: *Da época da divisão do Reino até Alexandre Magno*. São Leopoldo: Ed. Sinodal – Petrópolis: Ed. Vozes, 1997, 342-362; GARMUS, Ludovico. O imperialismo, estrutura de dominação, in: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 3, 1989, 7-20.

Na segunda etapa de sua missão (Ez 33–37) Ezequiel considera-se a sentinela de Israel, pronto para dar o alarme a respeito dos perigos que circundam seus irmãos no exílio (cf. 3,16-21; 33,1-9) e preocupado com a salvação deste resto do povo. Nesta fase da vocação ele procura animar o que resta do povo e infundir a esperança de um futuro retorno e uma nova vida na terra prometida.

Como Jeremias em Judá, Ezequiel junto à comunidade dos exilados (*golá*) está preocupado com o futuro do povo de Deus. Haverá um futuro para a nação? Se houver um futuro, quem será o portador deste futuro? Qual é o "resto" do povo que será o portador deste futuro e desta esperança? Quem pertencerá a este "resto" do futuro? É o que tentaremos responder com alguns textos de Ezequiel e de sua escola, que analisaremos a seguir.

1. Jerusalém será destruída

Como já dissemos acima, Ezequiel se ocupa desta questão na primeira fase de sua missão, que corresponde à primeira parte do livro (Ez 4–24). Lembramos também que já nas ações simbólicas iniciais Ezequiel coloca claro este tema. É o que procuraremos mostrar a seguir.

Após a visão vocacional, o profeta fica atônito e mudo, sentado no meio dos israelitas de Tel-Abib (Ez 3,14-27). Passados sete dias, começa a executar uma série de ações simbólicas, em que se traçam as ações do cerco de uma cidade, a escassez de alimento e água e o destino de sua população (4,1–5,4). Segue-se a identificação desta cidade anônima, que os assistentes das ações simbólicas pensavam ser Babilônia. Mas o primeiro pronunciamento de Ezequiel como profeta cai como um raio no meio de seus ouvintes: "Esta é Jerusalém! Eu a estabeleci no centro das nações e os países ao redor dela. Mas ela se rebelou contra meus preceitos e minhas leis" (5,5-6). Por isso será destruída. A quarta ação simbólica e o oráculo que segue (5,1-4.5-17) já levantam a questão: Qual será o destino da população? Se uma parte da população já fora levada para o exílio, junto com o rei Joaquin e o próprio Profeta, que seria feito da população que via em Jerusalém a garantia do seu futuro? Nesta ação simbólica o profeta recebe a ordem de cortar os cabelos e a barba e dividi-los em três partes: "Uma terça parte queimarás no fogo, dentro da cidade, quando se completarem os dias do cerco. Tomarás outra terça parte e a golpearás com a espada, ao redor da cidade. E a última terça parte dispersarás ao vento, e eu puxarei da espada atrás deles. Destes, porém, tomarás um pequeno número e os atarás na orla do manto. Tirarás mais um pouco deles e os lançarás no meio do fogo para queimar" (5,2-4). Como se vê, o que sobrará será apenas o resto de uma terça parte. Esta, porém, ainda será ameaçada pela espada; parte dela será lançada ao fogo e apenas uma pequena parcela será conservada no manto do profeta. A maneira drástica como Ezequiel apresenta o destino da população restante em Jerusalém se aproxima da visão de Amós sobre o destino das elites de Samaria, das quais não sobrará mais que uma ponta de uma orelha e o casco do animal estraçalhado, comprovando que morreu (Am 3,12). Por sua vez a espada

que vai perseguir a terça parte que foge da cidade lembra o que Amós diz sobre o juízo de Israel, na quinta visão: Haverá no dia do juízo divino uma verdadeira perseguição "por terra, mar e ar" (Am 9,1-4).

Apesar da severidade do juízo, anunciado na ação simbólica dos cabelos divididos, o leitor fica com uma esperança: uma pequena parte dos cabelos foi guardada no manto do profeta. Portanto, um pequeno resto do povo se salvará. Na explicação desta ação simbólica ocorre, pela primeira vez, o termo *she'erit* para indicar o resto dos habitantes de Jerusalém, que será espalhado em todas as direções (5,10). Aliás, este termo aparece outras seis vezes em Ezequiel: duas vezes indicando o "resto de Israel" (9,8; 11,13); uma vez para indicar o "resto dos habitantes do litoral", isto é, os filisteus (25,16), e três vezes para indicar o "resto das nações vizinhas", especialmente Edom, que cobiçavam as terras de Israel durante o exílio (36,3-5). Mesmo assim, dadas as circunstâncias em que o Profeta exerce sua missão e em que vive o povo de Judá, ameaçado de extinção, a idéia do resto é de fundamental importância em Ezequiel. Poderíamos até considerá-la como uma "chave de leitura" para todo o livro.

2. O resto de Israel

Quando Ezequiel executa suas primeiras ações simbólicas simulando o cerco de Jerusalém, não está preocupado apenas com o destino dos habitantes de Jerusalém mas com o futuro de Israel. Jerusalém, na realidade, é para ele o símbolo do povo todo (cf. Ez 16 e 23). Isso fica claro na grande visão sobre Jerusalém e o seu templo (Ez 8–11). O texto é basicamente de Ezequiel, mas sofreu reelaboração posterior[2].

Após a visão da idolatria no templo, o espírito do Senhor faz ver ao profeta o castigo da cidade. Ele vê um escriba que recebe a ordem: "Passa no meio da cidade, no meio de Jerusalém, e marca com um tau na testa os homens que gemem e suspiram por tantas abominações que nela se praticam" (9,4). Depois, os outros cinco homens recebem a ordem de executar "velhos, rapazes, moças, mulheres e crianças", poupando apenas os que foram assinalados com o tau na testa. Enquanto a matança prossegue, o Profeta cai prostrado e grita: "Ah! Senhor Deus! Vais exterminar todo o resto de Israel, desencadeando teu furor sobre Jerusalém?" (9,8). Torna-se estranha a pergunta do Profeta "vais exterminar *todo o resto* de Israel?", já que acabara de dizer que seriam poupados os marcados com o tau. Por isso também Javé não responde à pergunta. Mas a pergunta de Ezequiel mostra uma preocupação: a ira divina vai acabar atingindo também os marcados com o tau? Quem são os assinalados? São muitos ou poucos? Seriam os companheiros de exílio de Ezequiel? Pela ação simbólica dos cabelos divididos em três partes pode-se imaginar que são poucos. E uma coisa fica certa: são aqueles que não se solidarizam com as práticas idolátricas no templo (cf. Ez 8) e com

2. Para as questões críticas pode-se consultar o comentário de ZIMMERLI, Walter. *Ezechiel* BK XII/1-2, Neukirchen-Vluyn, 1969.

a violência na cidade de Jerusalém (cf. Ez 22). Ao contrário, revoltados, eles "gemem e suspiram por tantas abominações".

No mesmo contexto da visão do templo o Profeta se volta contra Jezonias filho de Azur e Feltias filho de Banaías, líderes da resistência contra Babilônia e responsáveis pelas violências praticadas em Jerusalém. Movido pelo espírito do Senhor, Ezequiel anuncia o castigo aos dois personagens. Enquanto o Profeta ainda estava falando, vê que Feltias cai morto. Ora, Feltias significa fugitivo ou "sobrevivente de Javé" (*Pelatyahu*). Diante da súbita morte deste "sobrevivente de Javé" Ezequiel novamente cai prostrado e grita: "Ah, Senhor Deus, vais aniquilar o resto de Israel?" (11,13).

Na continuação do texto (11,14-25) a pergunta sobre quem pertencerá a este resto de Israel surge de um modo ainda mais claro. A questão é colocada dentro de uma palavra de Javé dirigida a Ezequiel, citando uma opinião dos habitantes de Jerusalém: "Filho do homem, é dos teus irmãos, das pessoas de tua parentela, da casa de Israel toda que os habitantes de Jerusalém andam dizendo: 'Eles estão longe do Senhor. A nós é que foi dada a terra por herança!'" (11,14-15). Portanto, os que moram em Jerusalém consideram os exilados excluídos da herança do dom da terra. Somente eles seriam os herdeiros, pois estar longe de Jerusalém e do templo é estar longe de Javé. A convicção deles correspondia provavelmente a uma pergunta angustiosa dos exilados: Nós estamos excluídos da presença de Javé e do dom da terra? O Profeta toma posição ao lado dos exilados e responde: O exílio não significa afastamento de Javé, pois, além de ele mesmo ter tido uma visão de Javé junto ao rio Cobar, na Babilônia (Ez 1–3), Javé tornou-se para eles, "por um pouco de tempo, um santuário nos países para onde foram" (11,16). Por outro lado, a glória de Javé já abandonou o santuário e a cidade de Jerusalém (10,1-5.18-19; 11,22-23). Um dia Javé os reunirá dos países onde foram dispersados e os trará de volta à terra de Israel. Mais ainda: Javé lhes dará um novo espírito, trocando o seu coração de pedra por um de carne e renovará com eles a sua aliança (11,17-21). Fica claro, pois, que para Ezequiel ao resto de Israel não pertencerão os habitantes de Jerusalém e sim os dispersados entre os povos, inclusive os ouvintes na Babilônia. Jeremias parece defender a mesma idéia na visão dos dois cestos de figos, um com figos bons – os exilados – e outro com figos estragados – os habitantes de Jerusalém (Jr 24).

Ao resto de Israel não haverá de pertencer o rei que, de noite e encarapuçado, tentará abandonar a cidade cercada e os que irão cativos para o exílio, porque serão perseguidos pela espada. Os poucos que escaparem será apenas para contarem entre as nações suas próprias abominações (Ez 12,10-16). Também os falsos profetas não farão parte do resto de Israel nem terão parte na herança da terra (13,8-9). Os próprios sobreviventes à destruição de Jerusalém, que virão ao encontro dos exilados, não serão automaticamente incluídos no resto de Israel. Sua conduta e más ações provarão que o castigo de Jerusalém foi justo (14,21-23).

Em Jerusalém está reunida uma escória de lideranças, composta de príncipes, sacerdotes, chefes, profetas e do povo da terra. Eles não farão parte do resto de Israel.

Por causa de suas violências, injustiças e abominações serão eliminados pelo fogo da ira divina, derretidos como escória (22,17-31). Por causa de sua idolatria e violência, não pertencerão ao resto de Israel os que "moram nas ruínas" da terra de Israel e pretendem ser os verdadeiros herdeiros da promessa feita a Abraão (33,23-29). Neste último texto o Profeta se refere à população que restou em Judá sob o governador Godolias (2Rs 25,22-26; Jr 40–41).

3. Condições para fazer parte do resto de Israel

No cap. 18, em forma de disputa judicial ou tora sacerdotal, Ezequiel contesta um provérbio que circulava tanto entre os exilados como em Judá, após a invasão babilônica de 597 e depois da destruição de Jerusalém, em 587: "Que ditado é este que andais repetindo na terra de Israel: 'Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados'?" (Ez 18,2; Jr 31,29). Não está acontecendo o que dizem: os pais pecaram e nós estamos pagando a culpa. Mas cada um pagará pelo seu pecado, ou se salvará pela sua justiça. O pai, que é justo, não salvará seu filho pecador. Nem o filho, que é justo, pagará pelos pecados de seu pai. Cada um será julgado pela própria conduta. O caminho para a vida e para pertencer ao resto de Israel é o da conversão: "Arrependei-vos, convertei-vos de todos os vossos crimes... Libertai-vos de todos os crimes perpetrados contra mim. Formai-vos um coração novo e um espírito novo. Por que haveis de morrer, casa de Israel? Pois eu não sinto prazer na morte de ninguém que morre – oráculo do Senhor Deus. Convertei-vos e vivereis!" (18,30-32).

A exigência da conversão como condição para viver, isto é, pertencer ao resto de Israel, reaparece em 33,7-20, um texto que se localiza após à catástrofe de 587 aC. Nesta fase é que Ezequiel recebe a missão de "sentinela para a casa de Israel". Ele deve advertir ao ímpio para que se converta e não morra. Os exilados passam por um momento de grande depressão e desânimo. Parecem reconhecer que estão pagando pelos seus pecados, mas não vêem perspectivas de vida. Para eles Israel acabou: "É assim que dizeis: 'Nossos crimes e pecados pesam sobre nós, e por causa deles estamos definhando. Como poderemos viver?'" (33,10). A resposta de Ezequiel é um evidente apelo à conversão como único caminho para a vida: "Dize-lhes: Juro por minha vida – oráculo do Senhor Deus – não tenho prazer na morte do ímpio, mas antes que ele mude de conduta e viva! Mudai, mudai de conduta! Por que haveríeis de perecer, casa de Israel?" (33,11). Em seguida retoma a tese já desenvolvida no cap. 18: Cada um será julgado de acordo com a sua conduta (cf. 33,12-20).

4. O resto de Israel terá futuro porque Javé é fiel a si mesmo

Como vimos acima, condição e caminho para fazer parte do resto de Israel é a conversão. E o profeta está totalmente empenhado, na segunda parte de sua missão, para que ela aconteça. Ele apela para a conversão individual. É no coração das pessoas que deverá acontecer a conversão. Para o semita, o coração é a sede da vida do homem interior, oposto à "carne", sede dos pensamentos e projetos, sede dos sentimentos e

da vontade. Na concepção grega, coração seria sinônimo de alma. Por isso Ezequiel conclama: "Formai-vos um coração novo e um espírito novo" (18,31).

Mas para Ezequiel fica aos poucos claro que formar um coração novo e um espírito novo é uma tarefa humanamente impossível. É neste ponto que o Profeta rompe com o deuteronomismo dominante em seu tempo e ainda presente nas suas considerações do cap. 18 e em 33,10-20. Conforme a lei deuteronômica, quem observasse o direito e a justiça viveria, e quem não os observasse deveria morrer. Mas, vendo a dura realidade da condição humana, Ezequiel percebe que Deus não pode ficar amarrado a esta lei: "Eu não sinto prazer na morte de ninguém que morre" (18,32). Portanto, não basta a decisão no coração humano, pecador frágil e infiel. Por isso Ezequiel decide desvincular a possibilidade de vida da simples observância da Lei e a joga no mistério da misericórdia, da santidade e da livre eleição divinas. Já antes de Paulo, em vez da Lei propõe a graça!

Esta tese de Ezequiel está claramente delineada na sua análise da história de Israel no cap. 20[3]. Em geral se diz que neste capítulo Ezequiel apresenta uma visão pessimista, até mesmo desesperadora, da história de Israel. De fato, se Oséias e Jeremias ainda consideram o período do deserto como um tempo ideal do relacionamento de Israel com Javé (Os 2,16-17; Jr 2,2-3), Ezequiel vê o pecado da idolatria já no Egito, onde o apelo para abandonar a idolatria já foi inútil (20,7-8). Se Javé tivesse seguido o princípio da Lei, a história de Israel teria terminado já no Egito, pois ele tinha direito de despejar o seu furor. Em vez disso age por causa do seu nome, tira o povo do Egito e o conduz ao deserto (20,9-10). Ali Javé dá a conhecer suas leis e preceitos "graças aos quais vive quem os observa" (20,11), isto é, a lei do Sinai. Mas a casa de Israel se rebelou e não observou as leis e preceitos que fazem viver se forem cumpridos. Javé, então, pensa em exterminar o povo no deserto. Só não o faz por causa do seu nome, para não ser profanado diante das nações que souberam do êxodo do Egito (20,13-14). Não extermina o povo porque tem dó e se compadece. Faz morrer apenas os pais no deserto, impedindo-os de entrar na terra prometida, e permite que um resto, isto é, os filhos, se salvem (20,15-17). A esta nova geração propõe novamente as leis e os preceitos que fazem viver caso forem observados. Mas também os filhos se rebelam e Javé pensa em exterminá-los no deserto; só não o faz por causa do seu santo nome. Jura, porém, que no futuro os dispersará entre as nações (20,18-24). O Profeta então acrescenta: "Eu, por minha vez, dei-lhes leis não boas e preceitos pelos quais não podiam viver" (20,25). No v. 25 Ezequiel caracteriza a lei mosaica, considerada sob o prisma das maldições previstas contra a sua não observância. Trata-se da lei promulgada por Moisés no país de Moab, segundo a versão deuteronômica. De fato, a expressão "leis e preceitos" (*huqqîm wemishpatîm*) serve de moldura tanto do corpo legislativo do Deuteronômio (Dt 12,1–26,16) como da parte parenética (Dt 4,1–

3. Cf. GARMUS, Ludovico. *O juízo divino na História. A História de Israel em Ez 20,1-44. Extrato de uma tese doutoral em Teologia Bíblica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.

11,32). Esta lei, segundo o Profeta, somente dá vida se for observada (Ez 20,11.13.21). Portanto, a Lei contém em si um princípio de morte. É o que descobrirá mais tarde também o apóstolo Paulo: "O preceito, que devia dar a vida, conduziu-me à morte" (Rm 7,10), "porque a Lei não se funda na fé mas no cumprimento: *Aquele que cumpre a Lei por ela viverá*"[4].

Em sua análise da história do passado, desde o Egito até a entrada em Canaã, Ezequiel descobre que é a honra do nome de Javé, comprometido desde o Egito, a razão última de sua intervenção na história de Israel, que permite a continuidade da mesma (Ez 20,9.14.22). O que permitirá a continuidade da história do resto de Israel é, pois, a vontade salvífica de Javé. Fiel a esta descoberta, o Profeta anuncia aos exilados um novo êxodo, um novo julgamento purificatório no deserto e uma nova entrada na terra prometida (20,32-43). Esta decisão não será fruto da observância da Lei, aliás sempre violada, mas motivada pela fidelidade de Javé ao seu nome, comprometido desde o Egito (20,44). Israel foi dispersado entre as nações em virtude da maldição contida na lei deuteronômica (20,23-25; 36,16-19), mas será reconduzido à terra prometida porque Javé é fiel ao seu santo nome: "Chegando às nações para onde foram, profanaram o meu santo nome quando a respeito deles se dizia: 'Esse é o povo do Senhor, mas tiveram de sair de seu país'... Por isso, dize para a casa de Israel: Assim diz o Senhor Deus: Não é por causa de vós que eu ajo, casa de Israel, mas por causa de meu santo nome que vós profanastes entre as nações para onde fostes" (36,20-22). Deus é fiel à eleição de Israel desde o Egito: "No dia em que escolhi Israel e levantei a mão para os descendentes da casa de Jacó, eu me dei a conhecer a eles no Egito e levantei a mão, jurando: Eu sou o Senhor vosso Deus" (20,5). Esse nome de Javé, comprometido com seu povo desde o Egito, é que não pode ser profanado (cf. 20,9; 36,20).

O resto de Israel vai sobreviver porque Javé não está amarrado à lei deuteronômica, mas é fiel a si mesmo. Baseado neste princípio, Ezequiel anuncia que Javé vai defender a sua terra contra a cobiça dos edomitas e de outros vizinhos (35,10-15; 36,1-7). Para essa terra vai trazer de volta o seu povo, dispersado entre as nações (20,42; 36,24).

5. Javé vai recriar o resto de Israel pelo seu espírito

Jeremias já tinha consciência da natureza humana pecadora, por si mesma incapaz de conversão, quando dizia: "Pode um etíope mudar de cor ou um leopardo as suas pintas? Podeis acaso fazer o bem, vós que estais acostumados ao mal?" (13,23). Da mesma forma Ezequiel, apesar dos apelos à conversão e à mudança de coração, que vimos acima, sabe que sem a iniciativa da graça divina isso será muito difícil. E a conversão é condição para pertencer ao resto de Israel. Sem essa conversão é

4. Gl 3,12; cf. Lv 18,5; Ez 20,11.13.21.

impossível observar a lei da aliança. Por isso anuncia que Deus mesmo vai criar um novo coração para o seu povo: "Eu lhes darei um outro coração e incutirei um espírito novo. Extrairei do seu corpo o coração de pedra e lhes darei um coração de carne, de modo que andem segundo minhas leis, observem e pratiquem meus preceitos. Assim serão o meu povo e eu serei o seu Deus" (Ez 11,19-20; cf. 36,25-28).

Se, em 18,31, formar um coração novo e um espírito novo era tarefa humana, relacionada com a necessidade de conversão, aqui trata-se de um dom divino. Deus promete renovar o homem interior e dar-lhe um novo espírito. Trata-se do "espírito" (*ruah*) de Javé que faz as pessoas e os animais viverem (Gn 6,3); em Gn 2,7 é chamado "sopro de vida", soprado por Javé nas narinas do Adam feito de barro. Se Deus retira este seu espírito, os seres vivos morrem; se o devolve, eles são recriados (Sl 104,29-30). Ezequiel anuncia, portanto, que por iniciativa de Javé o resto de Israel será recriado e renovado interiormente. A renovação interior e a tarefa de criar um novo espírito, isto é, a conversão, são um desafio humanamente quase impossível. Por outro lado, segundo a lei deuteronômica, a conversão e a observância da lei são condições para viver: "Convertei-vos e vivereis" (18,32). Portanto, a simples observância da Lei torna a sobrevivência do resto de Israel inviável. Essas "leis não boas e preceitos que não fazem viver" (20,25) não garantem a sobrevivência do resto de Israel. Somente Javé, que escolheu Israel desde o êxodo do Egito (20,5) e assim o criou, poderá recriar o resto de Israel, dando-lhe um novo coração e um espírito novo. A criação deste novo Israel começará com um novo êxodo e uma nova entrada na terra prometida (20,32-44; 36,24). Como um pastor, Javé resgatará suas ovelhas espalhadas entre os povos e as conduzirá carinhosamente para sua terra, as montanhas de Israel (34,11-14). Então as montanhas de Israel reverdecerão, serão novamente semeadas e plantadas, produzindo abundantes frutos para o "meu povo de Israel", que se multiplicará maravilhosamente (36,8-12). Ninguém mais dirá que a terra de Israel "é uma devoradora de gente e priva de filhos a própria nação" (36,13). Ao contrário, haverão de dizer: "Esse país, que era devastado, tornou-se um jardim de Éden, e as cidades em ruínas, devastadas e demolidas, estão fortificadas e habitadas" (36,35).

Ezequiel descreve essa ação criadora de Javé de modo impressionante na visão dos ossos secos (Ez 37,1-14). O Profeta é levado em espírito por Javé para uma planície, que é a mesma onde se deu sua visão vocacional (1,1; 3,22), junto aos exilados, perto do rio Cobar. Javé o faz circular pela planície em meio a muitos ossos ressequidos. Na explicação Javé lhe diz: "Esses ossos são toda a casa de Israel. Eis o que dizem: 'Nossos ossos estão secos, nossa esperança acabou, estamos perdidos!'" (37,11). Portanto, os ossos secos são um símbolo da comunidade dos exilados, profundamente abatida e sem perspectivas de futuro. O próprio Javé pergunta ao Profeta: "Poderão esses ossos reviver?" E Ezequiel devolve a pergunta a Javé: "Senhor Deus, tu é que sabes!" (37,3). Javé, então, manda o Profeta dizer que ele mesmo vai infundir nesses ossos um espírito para que revivam. Quando Ezequiel anuncia essa mensagem aos ossos, eles se ajuntam e se organizam, cobrem-se de nervos, carne e pele. Mas ainda lhes falta o sopro de vida. Então, Javé manda o Profeta conclamar dos

quatro ventos o espírito para que os mortos possam reviver. Imediatamente "eles reviveram e se puseram de pé qual imenso exército" (37,10). Então Javé manda o Profeta anunciar: "Ó meu povo, vou abrir vossas sepulturas! Eu vos farei sair de vossas sepulturas e vos conduzirei para a terra de Israel... Quando eu infundir em vós o meu espírito para que revivais, quando vos estabelecer em vossa terra, sabereis que eu, o Senhor, digo e faço" (37,12-14).

Sim, Javé é aquele que diz e faz. Ele criou Israel pela eleição desde o êxodo do Egito e agora recria o resto de Israel. Apresentando Javé como o criador do novo Israel, Ezequiel torna-se assim de certo modo o precursor da teologia da palavra criadora de Javé, desenvolvida depois pelo Dêutero-Isaías (cf. Is 45,7; 46,8-13).

Conclusão

Como vimos acima, ao punir Jerusalém e Judá apenas segundo a lei deuteronômica, Javé deveria exterminar o seu povo, como pensava fazer com Israel já no deserto. Pois a Lei só faz viver se for observada. Caso contrário atrai as maldições divinas sobre o povo. Ezequiel, porém, intui um outro princípio que permite a sobrevivência de um resto de Israel. Javé não extermina totalmente o seu povo no deserto, mas salva um resto por causa de seu nome; isto é, porque é fiel a si mesmo, ao seu nome comprometido com Israel pela eleição desde o êxodo. É por isso que poupa o seu povo do extermínio e dele se compadece. Baseado neste princípio, Ezequiel responde à pergunta que ele mesmo faz: "Senhor Deus, vais aniquilar o resto de Israel?" (11,13). Não! Javé não vai exterminar o resto de Israel. Ao contrário, Javé, que escolheu Israel desde o Egito, fará um novo êxodo de seu povo espalhado entre as nações, fará um novo julgamento no deserto e introduzirá um resto de seu povo purificado na terra de Israel. Por um lado, Ezequiel exige a conversão das pessoas como condição para poderem viver, isto é, para fazerem parte do resto de Israel. Por outro lado, está convencido de que isso é humanamente impossível. Somente o poder criador de Javé será capaz de renovar interiormente cada pessoa, mudando o coração de pedra por um coração de carne e infundindo o seu espírito. Então, sim, Javé estabelecerá com seu povo uma aliança eterna (16,60), uma aliança de paz (34,25; 37,26). Então "saberão que eu, o Senhor, sou o Deus-com-eles, e eles o meu povo" (37,30).

Ludovico Garmus
Instituto Teológico Franciscano
25689-900 Petrópolis, RJ
E-mail: garmus@itf.org.br